



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JANAINA SILVA DOS SANTOS

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

CAMPINA GRANDE - PB

2019

JANAINA SILVA DOS SANTOS

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras - português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura plena em língua portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Maria de Souza Neves

CAMPINA GRANDE-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237c Santos, Janaina Silva dos.
A construção do feminino em crônicas de Martha Medeiros [manuscrito] / Janaina Silva dos Santos. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."
1. Crônica. 2. Literatura. 3. Literatura feminina. 4. Feminismo. I. Título
21. ed. CDD 801.95

JANAINA SILVA DOS SANTOS

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título licenciada em língua portuguesa.

Aprovada em: 27/11 / 2019.

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Diógenes André Vieira Maciel

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Kalina Naro Guimarães

Prof.^a. Dr.^a. Kalina Naro Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus, meu refúgio e fortaleza, ao meu companheiro Polibio que sempre esteve ao meu lado e não me deixou desistir nos momentos difíceis, a meus grandes amigos de jornada acadêmica: Eridnaide, Dayanne, Eliezer e Thiago. Aos mestres desta universidade que merecem todo o meu respeito e admiração e em particular, a minha orientadora Ana Lúcia Maria de Souza Neves que despertou em mim o gosto pela literatura.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, p. 7, 1967)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICOS DO GÊNERO CRÔNICA	10
2.2	A cronista Martha Medeiros e suas histórias	12
3	GÊNERO E LITERATURA DE AUTORIA FEMININA	13
3.1	Retrospectiva histórica das mulheres na produção literária	15
4	NATURALIZAÇÃO DE CONCEITOS RELACIONADOS AO SER MULHER: ANÁLISE DAS CRÔNICAS	17
4.1	<i>O que quer uma mulher</i>	17
4.2	<i>As múltiplas funções femininas</i>	19
4.3	<i>A mulher independente</i>	21
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	Referências	23

A CONSTRUÇÃO DO FEMININO NAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS

SANTOS, Janaina Silva dos¹

RESUMO

O presente artigo tem como corpus de estudo as crônicas “O que quer uma mulher”; “Sustento feminino”; “A mulher independente”, pertencentes aos respectivos livros da escritora Martha Medeiros *Trem-bala* (1999), *A graça da coisa* (2013), *Feliz por nada* (2011). As crônicas foram publicadas, inicialmente, nos jornais *Zero Hora* e *O Globo*. O objetivo principal da pesquisa é investigar representações sobre o feminino presente nas crônicas selecionadas. Os objetivos específicos são: fazer o levantamento do perfil sociocultural das mulheres presentes nos textos; discutir, a partir do perfil das mulheres presentes nas crônicas, o (s) papel (eis) assumido (s) pelas personagens femininas na sociedade; identificar as principais demandas dessas mulheres na atualidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica centrada na leitura e análise da crônica. O escopo teórico que norteia a pesquisa aqui realizada é definido por Moisés (2012), Candido (2003), Beauvoir (1967), Duarte (2003), Telles (2010), dentre outros. A partir da análise das crônicas, consideramos que as narrativas são dirigidas às leitoras contemporâneas, registrando-se assim visões sobre a condição social da mulher, pertencente, principalmente, à classe privilegiada, burguesa, branca, independente financeiramente. São mulheres que trabalham fora do lar, viajam, fazem atividades físicas, preocupam-se com a aparência, lutam contra padrões machistas, sofrem, amam, separam-se dos seus parceiros. As personagens vivem em espaços urbanos das grandes cidades e confrontam-se cotidianamente com discursos e práticas convencionais sobre ser mulher.

Palavras-chave: Crônica. Literatura. Feminino. Martha Medeiros.

ABSTRACT

This article has as its corpus of study, the chronicles "What a woman wants"; "Female livelihood"; "The independent woman", belonging to the respective books of the writer Martha Medeiros *Trem-bala* (1999), *The Grace of the Thing* (2013), *Happy for Nothing* (2011). The chronicles were published, initially, in the newspapers *Zero Hora* and *O Globo*. The main objective of the research is to investigate the representations about the female, present in the selected chronicles. The specific objectives are: to survey the sociocultural profile of women presented in the texts; discuss, from the profile of women presented in the chronicles, the assumed roles by the female characters in society; identify the main demands of these women today. It is a bibliographic research centered on the reading and in the chronicle's analysis. The theoretical scope that guides the research is defined by Moses (2012), Candido (2003), Beauvoir (1967), Duarte (2003), Telles (2010), among others. From the analysis of the chronicles, we considered that the narratives are directed to contemporary readers, thus recording visions about the social condition of women, belonging mainly to the privileged, bourgeois, white, financially independent class. These are women who work outside home, travel, do physical activities, care about their appearance, fight against macho patterns, suffer, love, separate from their partners. The characters live in urban spaces of large cities and are confronted daily with conventional discourses and practices about being a woman.

Keywords: Chronicle. Female Literature. Martha Medeiros.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. e-mail: jane.alianca@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A escritora Martha Medeiros é hoje uma autora atuante no mercado editorial brasileiro. Já esteve com a obra “Feliz por nada”, entre os autores mais vendidos no Brasil e, em primeiro lugar nas listas da revista *Veja*, revista *Época* e jornal *O Globo*. Assim, não há como negar que se trata de uma escritora que vem sendo muito lida. Logo, como conluente do curso de Letras e professora da educação básica, onde encontro vários alunos que conhecem e leem textos da Martha Medeiros, senti-me instigada em conhecer mais a fundo a obra da escritora. Comecei pelas crônicas, gênero no qual a escritora tem se destacado.

Ao longo da leitura dos seus livros, percebi que uma das temáticas recorrentes é a reflexão sobre o (s) papel (eis) assumido (s) pelas mulheres na sociedade contemporânea. Mas quem é essa mulher tematizada nos seus textos? Qual o seu perfil social e cultural? Quais as suas demandas. Neste artigo selecionamos três crônicas da escritora para investigar acerca das representações sob o feminino; bem como fazer o levantamento do perfil sociocultural das mulheres presentes nos textos, qual são as demandas e o papel (eis) assumido (s) pelas personagens femininas na sociedade representada.

As crônicas selecionadas foram: *O que quer uma mulher (Trem-bala, 1997)*; *Sustento feminino (A graça da coisa, 2013)*; *A mulher independente (Feliz por nada, 2011)*. As três crônicas apresentam configurações do feminino, questionando o comportamento e a representação de mulheres na contemporaneidade. É importante destacar que a autora centra-se em um grupo específico de mulheres, a mulher de classe média, branca, escolarizada.

Iniciamos esse trabalho apresentando os aspectos históricos e característicos do gênero¹ crônica, ressaltando suas particularidades literárias, a importância no contexto histórico, o hibridismo que perpassa as relações de origem do gênero, ou seja, todos os fatores que contribuíram para o enquadramento desse gênero à crítica literária.

Em seguida, apresentamos a escritora Martha Medeiros e suas contribuições para o cenário literário nacional no que tange aos textos de autoria feminina que tratam da realidade da mulher contemporânea.

Prosseguimos apresentando aspectos referentes às questões de gênero que influenciaram sobremaneira na produção literária do Brasil, e em seguida, realizamos uma retrospectiva histórica da literatura escrita por mulheres na produção literária do país, objetivando demonstrar as estruturas sociais que colocaram as mulheres em uma situação de subalternidade em relação ao homem.

Por último, procedemos à leitura crítico-interpretativa das crônicas pertencentes às coletâneas selecionadas. A abordagem dos textos guiou-se pela perspectiva teórico-metodológica da discussão de gênero, recorrendo também às contribuições de elementos da teoria da narrativa a fim de elucidarmos questões relativas aos aspectos linguísticos e composicionais das crônicas.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICOS DO GÊNERO CRÔNICA

A crônica surge com o intuito de documentar de forma ordenada e organizada os acontecimentos históricos. Segundo Moisés (2012), cabia aos cronistas registrar os acontecimentos importantes, contudo, sem aprofundá-los. A crônica nessa perspectiva aproximava-se da historiografia, ou seja, um gênero documental.

² O texto trata de dois conceitos referentes a gênero: o primeiro referindo-se ao gênero discursivo crônica e o segundo aborda as diferenças gestadas na sociedade que definem o que é ser mulher ou homem.

Mas com o passar do tempo, a crônica vai transformando-se e chega ao século XIX com uma nova roupagem. Passa a utilizar uma linguagem mais literária, afastando-se do mero registro dos acontecimentos sociais. Com o desenvolvimento da imprensa brasileira, a crônica ganha espaço nos jornais e se constitui enquanto um gênero genuinamente nacional e que passa a fazer parte da rotina dos leitores brasileiros.

O jornal brasileiro tem por aspecto próprio a veiculação tanto de notícias do cotidiano quanto de informações relacionadas à cultura. Configurando-se também como um meio importante para a produção e circulação da crônica, gênero que não apresenta compromisso com o ato de informar e contribui com uma reflexão sobre determinados temas do cotidiano. Para Moisés (2012), a crônica feita no Brasil assumiu um formato próprio, ganhou aspectos literários, pois se aproximou da prosa de ficção. As crônicas brasileiras falam de temas do cotidiano de forma subjetiva, levando o leitor a um desconforto que favorece à reflexão. Segundo Candido (2003), é um texto efêmero, pois trata de questões do dia a dia de forma clara e objetiva, o que faz dela um gênero popular.

Diante dessa realidade, autores importantes, passaram a escrever crônicas para os jornais, apresentando seus pontos de vista sobre temas variados a partir de uma linguagem mais leve e próxima do seu interlocutor. De acordo com Candido (2003, p.88), a crônica “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza” e “sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Muitos defendem a crônica enquanto um gênero híbrido, outros a enquadram, apenas, como um gênero jornalístico. Ela pode ter surgido no jornal e ter, a princípio, atendia a urgência desse meio de informação, mas, certamente, passou por transformações que a tornou um gênero que oscila entre a literatura e o jornalismo.

Freitas (2012) discorre sobre a importância do jornal para a produção literária no século XIX. A produção e publicação de livros nesse período era quase inexistente e os jornais realizavam a publicação de muitos textos literários. Foi no jornal que autores brasileiros encontraram a possibilidade de publicar suas obras. Portanto, fica evidenciado a importância desse meio para o desenvolvimento da literatura nacional.

A crônica supera a efemeridade jornalística quando aborda questões simples do cotidiano a partir de uma ótica criadora pautada no afastamento de uma escrita objetiva característica dos gêneros jornalísticos. A inclusão da crônica no gênero literário ou jornalístico vai depender da forma como o autor trabalhou o tema. A escrita literária ultrapassa a apresentação dos fatos. O cronista, segundo Lopes (2012), utiliza os fatos como um pretexto e a partir do seu interior e da sua sensibilidade entra no domínio ficcional, portanto, a crônica mistura o real e o imaginário para nos ofertar uma reflexão sobre a vida.

Para Tuzino (2010, p. 15) “a crônica é jornalismo e literatura. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. É jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real e é literária quando se permite utilizar elementos literários”. Diante dessa realidade, é um gênero misto que ganhou o gosto do leitor brasileiro. Saiu do jornal para serem organizadas em livro, contudo, não há como protegê-las da efemeridade, característica própria do gênero. Mas sua publicação em livro favorece a uma mudança de perspectiva no que tange a sua durabilidade, importância e valorização de suas qualidades literárias (Moisés, 2012).

A organização de crônicas em livros oferece reconhecimento ao autor e coloca esse gênero em outro patamar: literatura. O livro estabelece novas relações críticas para com esse gênero. Contudo, muitos não aceitam o enclausuramento da crônica em livros, pois para estes críticos, ela perde a sua característica principal: a efemeridade. Por ser a crônica um texto que nos leva a uma reflexão semanal, no que tange a temas do cotidiano, essa perderia o sentido quando lida tempos depois. Essa visão da crônica é limitante, pois quando o autor consegue ultrapassar a barreira da efemeridade e do momentâneo, ele oferta ao mundo exterior um texto

permeado de subjetividade, que se torna atemporal e que nos permite construir novos sentidos.

A crônica, segundo Candido (2003), é um gênero cotidiano, simples, sem muita pompa. Contudo, trata de temas do dia a dia, com grandeza, mas sem se preocupar em agradar, apenas reflete, sem amarras, de forma livre, descompromissada. Passou de um simples artigo de rodapé, que tratava de temas diversos (política, saúde, arte) para chegar a seu formato atual, ou seja, esse gênero foi se construindo dentro do jornalismo brasileiro e concomitantemente ganhando espaço e leitores. A linguagem passou a ser mais leve, poética, muito mais próxima da literatura, afastando-se, portanto, da objetividade jornalística.

Grandes autores brasileiros como José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Drummond, Rubens Braga, Fernando Sabino dentre outros tantos, contribuíram com a construção desse gênero dentro dos jornais brasileiros. Ou seja, esses autores, estabeleceram uma nova forma de fazer crônica, pautada na subjetividade, na imaginação, na reflexão acerca de temas cotidianos. E esse é um dos aspectos da crônica apontados por Candido (2003): a simplificação da escrita literária. Para ele, a crônica humaniza e nos faz refletir nosso dia a dia, nosso estar no mundo a partir de textos curtos e de uma linguagem mais próxima dos leitores.

Cada escritor, segundo Candido, desenvolve seu estilo próprio de fazer crônica, uns muito próximos ao comentário, mas com uma linguagem mais poética, como é o caso de Machado de Assis. Outros como é o caso de Drummond, se aproximaram da prosa moderna. Nesse sentido, percebemos que cada autor ofertou ao gênero crônica, muitas possibilidades de construção, o que a torna um gênero híbrido. Portanto, podendo ser literatura e texto jornalístico, seu enquadramento em um ou outro gênero dependerá do objetivo desse texto.

A crônica brasileira tem em seu percurso histórico a incorporação da escrita feminina, tão negligenciada. Muitas autoras passaram a escrever crônicas para os jornais (Cecília Meireles, Clarice Lispector, Raquel de Queiroz, dentre outras), ganharam visibilidade e tiveram onde publicar seus textos.

Atualmente, novas autoras buscam conquistar seu espaço, como por exemplo, Martha Medeiros, jornalista, escritora e cronista, que iniciou sua carreira no jornalismo impresso na área da publicidade e propaganda, mas que com o sucesso alcançado na área, passou à se dedicar exclusivamente à produção literária: escreve da poesia à crônica, sendo o segundo gênero o mais produzido por ela.

2.2 A cronista Martha Medeiros e as suas histórias

Martha Medeiros nasceu em 1961 em Porto Alegre. Formou-se em Comunicação Social e fez carreira na área de publicidade e propaganda. Contudo, ficou conhecida através das suas crônicas publicadas semanalmente no jornal *Zero Hora* e para a revista *Época*. O ato de escrever passou a ser tão constante em sua vida que a levou a abandonar a publicidade e a enveredar nos caminhos da produção literária. Martha Medeiros é uma autora que experimenta várias possibilidades de construção literária. A autora já escreveu poesia, mas foi o gênero crônica que lhe deu reconhecimento e um grande número de leitores. A maneira intimista como escreve suas crônicas e o tratamento dado a temas do universo feminino, garantem a Martha Medeiros um público fiel.

Suas crônicas foram organizadas em livros e ganharam as prateleiras das livrarias pelo país. Na década de noventa foram publicados os livros: *De Cara Lavada* (1995), *Geração Bivolt* (1995), seu primeiro livro de crônicas, *Santiago do Chile* (1996), *Topless* (1997) que recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura, e *Trem Bala* (1997), que foi adaptado para o teatro. Em 2002, a autora estreia seu primeiro romance *Divã* (L&PM), que foi adaptado para o cinema e para a televisão no formato de minissérie. Nas últimas décadas publicou: *Montanha*

Russa (2003), compilação de crônicas; *Coisas da Vida* (2005); *Tudo Que Eu Queria Te Dizer* (2007), ficção em forma de cartas; *Doidas e Santas* (2008), compilação de cem crônicas; *Fora de Mim* (2010), quarto romance da autora; *Feliz Por Nada* (2011), nova coletânea de crônicas que permaneceu no topo dos livros mais vendidos por muitos meses, tendo já mais de 50 reedições; *Noite em Claro* (2012), gênero novela; *A Graça da Coisa* (2013), coletânea com 80 crônicas; Em 2014, publicou: *Felicidade Crônica*, *Liberdade Crônica* e *Paixão Crônica*; Em 2015 lançou a coletânea de crônica *Simplex Assim*; Em 2016 publicou *Um Lugar na Janela 2 (Relatos de Viagens)*. No ano de 2018 lança *Quem Diria Que Viver Ia Dar Nisso*, coletânea de crônicas.

Medeiros aborda o universo da mulher branca de classe média que trabalha fora e que assume riscos e compromissos para manter sua independência ante ao homem. É a mulher que questiona padrões sociais historicamente construídos, que definiram como as mulheres deveriam se comportar e quais espaços ocupar, no entanto, essa mesma mulher, muitas vezes permanece presa às determinações históricas e culturais como casar e ter filhos. A autora traz em seus textos construções discursivas sobre o feminino na contemporaneidade. Martha Medeiros e tantas outras escritoras do século XX em diante são frutos das lutas incansáveis das mulheres que acordaram para sua condição a partir da educação e do confronto.

Os temas tratados por Martha Medeiros tocam as atuais mulheres de classe média branca brasileira que ainda precisam se impor em meio aos preconceitos existentes em uma sociedade machista como é a nossa. Ela trata de questões muito caras para às mulheres como: família, trabalho, maternidade, sexo, realização pessoal e profissional, com intimidade, contudo, tende a reforçar conceitos naturalizados socialmente em relação ao ser mulher. Seus textos contribuem para uma reflexão em relação ao cotidiano feminino apresentado pela autora.

3 GÊNERO E LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

É inegável a importância das discussões de gênero no que tange à conquista de direitos pelas mulheres. As discussões iniciadas na Europa, no século XX, nos movimentos de resistência e luta em prol dos direitos das mulheres, contribuíram com a disseminação de novas concepções sobre a mulher e fomentaram, em outros países, as lutas por direitos iguais entre os sexos.

Percebemos em nosso país uma negação social da importância desses movimentos para as conquistas femininas, o que, de certa forma, tem contribuído sobremaneira com a visão deturpada em relação ao feminismo e sua agenda. De acordo com Duarte (2003), tudo que anteriormente era utópico à mulher, passou a ser realidade, e não temos como dissociar as conquistas das mulheres do movimento feminista.

Contudo, o antifeminismo se tornou muito forte e a sociedade passou a enxergar o movimento com maus olhos, o preconceito contra as mulheres declaradamente feministas foi e ainda é muito forte, o que tem gerado, em nossa sociedade, sentimentos de negação ao movimento das próprias mulheres que hoje colhem os frutos das lutas e conquistas, mas o negam e essa posição tem alimentado o ódio contra as feministas em pleno século XXI.

A negação ocorre, principalmente, pelo preconceito que ainda existe em nossa sociedade em relação à mulher e a tudo que se refira ao feminino. Pois, ser mulher e feminista em uma sociedade patriarcal como é a nossa, não é tarefa fácil, o feminismo é tratado, muitas vezes, como movimento das feias e mal-amadas. Essa visão tem contribuído com o desconhecimento por parte das mulheres da importância histórica das lutas, por direitos iguais entre homens e mulheres. De acordo com Duarte (2003), o feminismo é pouco conhecido e sua bibliografia muito limitada. A sociedade conhece muito pouco do que realmente foi e é o movimento

feminista, a importância da sua agenda em prol da superação da opressão sofrida pelas mulheres em todo o mundo.

O movimento feminista no Brasil buscou garantir o direito a ler e escrever das mulheres, direito fundamental a qualquer ser humano. As mulheres viviam distantes dos ambientes acadêmicos, seu aprendizado girava em torno da família e dos afazeres domésticos. Apenas no século XIX, as mulheres passam a frequentar escolas e a ter acesso a conhecimentos para além das práticas domésticas, possibilitando um olhar crítico para sua condição social.

O acesso a uma educação, ainda que precária, fomentou em muitas mulheres o desejo de fazer outras coisas: ter uma profissão, por exemplo. Essa realidade foi aos poucos transformando a vida da mulher brasileira, que passou a querer mais, não se contentando com casamentos arranjados e uma vida sem conquistas.

E esses anseios passaram então a ser representados nas obras literárias, ainda que de maneira superficial e sob o olhar vigilante e preconceituoso do homem. As mudanças sociais ocorridas fomentaram construções sobre a mulher, mãe, esposa, profissional competente, e muitas outras que serviram e servem de base para a escrita de muitas autoras na contemporaneidade. Muitas escritoras têm, por meio dos seus textos, discutido sobre essa temática e, dentre essas escritoras, destaca-se Martha Medeiros nas suas crônicas.

Martha Medeiros é uma escritora que se constrói no jornal, suas crônicas ganharam leitores e leitoras que se identificam com a sua escrita, ou seja, com a sua forma de abordar temas relativos à condição feminina. A questão de gênero aparece em suas crônicas de forma superficial, faz parte do seu discurso questionar padrões sociais pré-determinados impostos à mulher. Seus textos apresentam à mulher contemporânea, fruto das conquistas do movimento feminista: a mulher que trabalha fora, que é mãe, que cumpre uma jornada tripla.

Na abordagem adotada, a categoria gênero é concebida numa dimensão relacional, entendendo e tratando “gênero” como o faz Guacira Lopes Louro (1997, p. 57):

[...] Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a ideia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação.

A realidade atual mostra que as demandas das mulheres por trabalho, segurança, remuneração justa, educação, cultura continuam denunciando, a desigualdade que ainda persiste entre homens e mulheres na nossa sociedade. Diante deste quadro, a literatura contemporânea, produzida por escritores como Martha Medeiros, promove a reflexão sobre esta realidade de maneira estética e crítica.

Louro (1997) discorre sobre o valor histórico da palavra “gênero”, pois para ela, o conceito de gênero liga-se a história do movimento feminista. Ou seja, um conceito que apresentou à sociedade uma explicação pertinente em relação as diferenças de tratamento social para homens e mulheres. Todos os papéis exercidos por ambos os sexos na sociedade, obedecem a cartilha feminizante ou masculinizante gestada na sociedade patriarcal. Portanto, a categoria gênero serve como uma ferramenta analítica e política, que visa desconstruir conceitos que apresentam à mulher como um ser inferior.

A desigualdade existente entre homens e mulheres foi construída sob a lógica patriarcal que passou a definir o local social ocupado por cada sexo a partir da criação de características feminizantes e masculinizantes.

3.1 Retrospectiva histórica das mulheres na produção literária

As mudanças ocorridas no mundo no século XIX influenciaram e foram influenciadas pela cultura. O imperialismo ditou o modo como os indivíduos deveriam viver e foi através da literatura que esses modelos foram apresentados a outras nações. O romance segundo Telles (2010) cristalizou o modo viver da sociedade moderna capitalista. Os papéis sociais de homens e mulheres foram definidos nesse gênero e contribuiu com a visão deturpada de supremacia intelectual do homem em relação à mulher.

O ideário burguês é reproduzido nos romances do século XIX. A família burguesa patriarcal é colocada no patamar mais alto da sociedade. Tudo é pensado e organizado em prol desse modelo burguês de família. Nesse sentido, o romance serviu como um instrumento importante de manutenção de estruturas repressoras. Servia de modelo a ser seguido e protegido. A leitura desses romances pelas senhoras da sociedade servia para conter qualquer impulso questionador, ou seja, foi através da leitura que o ideário burguês se cristalizou e ganhou força. Pois, segundo Telles (2010, p.102) “...a leitura é sempre determinada pelo lugar ocupado por um leitor na sociedade, num dado momento histórico”.

A leitura foi, por muito tempo, uma atividade realizada pelo homem, mas no século XIX as mulheres burguesas tornam-se leitoras, pois o acesso à instrução educacional não atingia as mulheres pobres. Contudo, o objetivo desse acesso à leitura repousava na ideia de que era necessário ofertar um certo grau de instrução às mulheres, visando construir virtudes necessárias à educação dos filhos.

De acordo com Telles (2010), o projeto de contenção feminina da sociedade burguesa construiu-se a partir da definição da mulher enquanto ser maternal, protetora da família. Toda e qualquer mulher que ousasse romper com essa perspectiva burguesa era vista como um ser maligno. Portanto, a sociedade burguesa fundamenta-se no binarismo, na oposição entre homens e mulheres e na visão de subalternidade feminina.

Essa perspectiva burguesa influenciou a produção literária, tendo sido negado à mulher o direito de criar, escrever. As mulheres serviam de objeto para o poeta, para o romancista, foram as musas dos artistas, contudo, tiveram, por muito tempo, que conter sua capacidade de criar arte, de produzir literatura. A falta de instrução escolar para as mulheres contribuiu com a ausência das mesmas na literatura. Fala-se sobre a mulher, mas pelo olhar do homem emergido na sociedade burguesa.

No Brasil do século XIX as mudanças começam a surgir. Modificações na estrutura social geradas a partir da chegada da corte portuguesa, da proclamação da república e da abolição da escravatura forçam alterações significativas nas relações sociais e trabalhistas. Nesse período ocorre um aumento importante na produção cultural do Brasil. As ideias liberais espalham-se pela república. Grupos de mulheres organizam-se em prol dos direitos das mulheres e buscam através dos jornais da época apresentar suas reivindicações.

O nordeste brasileiro nos deu Nísia Floresta, filha de um escultor português que vivia no interior do Rio Grande do Norte. Nísia foi responsável por escrever uma tradução livre da obra da inglesa Mary Wollstonecraft a qual ela nomeou *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, considerado seu primeiro livro. A autora rompeu com estruturas do seu tempo e tornou-se uma importante defensora do acesso à instrução educacional para às mulheres, como também atuou em defesa da abolição da escravatura.

Na obra *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, Nísia apresenta argumentos em defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres e da importância da educação para às mulheres. Para a autora a educação é vista como a principal ferramenta de transformação das estruturas sociais que subjagam e condenam às mulheres a viverem na ignorância. De acordo com Telles (2010), Nísia apresenta a educação como sendo o principal meio de transformação da consciência e a vida material das mulheres. As ideias de Nísia repercutiram no Brasil apesar da limitação existente no período.

As mulheres no século XIX viviam isoladas, trancadas, não podiam exercer uma profissão, pois não tinham acesso à instrução escolar. Ou seja, foram excluídas do mundo, consideradas seres de menor valor. Essa condição é refletida na produção cultural do país. Contudo, muitas rompem com essa visão e passam a questionar as prescrições sociais de conduta feminina. Para Telles (2010) as mulheres começam a quebrar com a ideia de ser angelical associada à mulher. Essa desconstrução visa combater preconceitos e denunciar injustiças.

Nesse período, Júlia Lopes, escritora e jornalista, começa a denunciar em seus textos para os jornais, as estruturas que subalternizam a mulher. A autora produziu romances, contos, crônicas e peças de teatro. Contribuiu com os jornais da época, escrevendo muitas crônicas em defesa dos direitos das mulheres. Júlia Lopes produziu muitos romances, teve sucesso como escritora, contudo não pôde fazer parte da Academia brasileira de letras, instituição que a mesma ajudou a organizar.

O Maranhão nos deu Maria Firmina dos Reis, autora do primeiro romance brasileiro “Úrsula” que apresenta à questão da escravidão de forma diferenciada, individualizada. A autora também escreveu contos e a causa abolicionista foi muito presente em suas obras. Viveu em São Luís, foi professora régia, atuou depois da sua aposentadoria, na educação de crianças que não podiam pagar. Foi, portanto, uma mulher à frente do seu tempo, rompeu com estereótipos e, apesar das dificuldades encontradas, superou-as com esforço e dedicação.

A poetisa carioca Narcisa Amália de Campos foi uma aguerrida defensora dos ideais liberais europeus. Defendia a democracia e o progresso intelectual feminino. Para ela era necessário que se elevasse o nível cultural e material da população (Telles, 2010). Narcisa Amália reconhecia a importância das mulheres que lhe abriram espaço e, defendia que houvesse uma irmandade entre as mulheres com o objetivo de conquistar mais direitos e romper com estruturas preconceituosas e opressoras.

A produção de textos literários por mulheres teve como seu principal suporte o jornal, foi através dele que muitas encontraram a oportunidade de publicarem, algumas através de pseudônimos, outras superando as negativas da sociedade, colocando-se combativas frente às discriminações sofridas.

Nesse contexto surgem vários jornais de cunho feministas pelo país. Espaço propício à publicação de textos em defesa dos direitos das mulheres. Esses jornais também favoreceram a publicação de obras literárias realizadas por mulheres, sendo um importante meio de divulgação dos trabalhos artísticos femininos em boa parte do território brasileiro. Temas como: o direito ao voto, a educação, ao trabalho, ao divórcio, começara a ser apresentados nesses jornais.

Percebemos que o jornal, sendo feminista ou não, deu voz às mulheres, que percebendo sua capacidade criadora, sentiu-se capaz de produzir textos, de opinarem sobre assuntos referentes à mulher, de apresentarem seus pontos de vista em relação a sua situação social, contribuindo com o processo de ruptura dos padrões burgueses que colocava a mulher em um patamar de subalternidade.

Surgem nesse cenário mulheres como Délia Bormann (pseudônimo), autora de romances, contos e crônicas, como também colaboradora de jornais do Rio de Janeiro. Foi uma mulher forte que buscou criar sua identidade rompendo os padrões pré-definidos. Délia

representa, segundo Telles (2010), “a nova mulher”, ou seja, a que busca liberdade para viver e experimentar tanto na esfera artística quanto na sexual.

Essa “nova mulher” é percebida nos jornais do século XIX, como afirma Telles (2010), mesmo escrevendo sobre temas considerados sem importância, as mulheres passaram a participar de um mundo fora do espaço privado. As mulheres, que tinham certo nível educacional, começaram a escrever e publicar seus textos, apresentando seus pensamentos e pontos de vista em relação a tudo que as cercava. Fica evidente que o século XIX fomentou o início de uma ruptura da mulher burguesa em relação aos padrões que a definiam e abriu caminho para novas construções discursivas sobre a mulher.

4. NATURALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES RELACIONADAS AO SER MULHER

A seguir apresentamos a análise das crônicas *O que quer uma mulher* (Trem-bala, 1997); *Sustento feminino* (A graça da coisa, 2013); *A mulher independente* (Feliz por nada, 2011).

As três crônicas selecionadas, embora escritas em períodos diferentes, abordam configurações do feminino, questionando o comportamento e a representação de mulheres na contemporaneidade. É importante destacar que a autora centra-se em um grupo específico de mulheres, a mulher de classe média, branca, escolarizada.

4.1 Leitura da crônica *O que quer uma mulher*

Na crônica “*O que quer uma mulher*”, Martha Medeiros discorre sobre a construção do feminino associada à imagem das princesas dos contos de fadas. A sociedade define o que é ser mulher e desde o momento em que se sabe o sexo da criança cria-se um roteiro a ser seguido. O que deve vestir, falar, dentre outras questões, é definido anteriormente, não existe escolha, o pacote completo apresenta diretrizes a serem seguidas: “A garotinha ainda nem mamou e já está condenada a dilacerar corações. Laçarotes, babados, contos de fadas: toda mulher carrega a síndrome de Walt Disney.” (MEDEIROS, p.19).

Vemos logo no início da crônica o que a sociedade espera de uma mulher “O médico anuncia: é uma menina! A mãe da criança, então, se põe a sonhar com o dia em que a sua princesinha terá um namorado de olhos verdes e casará com ele vivendo feliz para sempre”. (Medeiros, 1999, p.19). Vemos que a vida da mulher se resume ao casamento, ou seja, a mulher só se torna mulher de fato e de direito quando casa e têm filhos. A feminilidade está associada ao cumprimento desse papel. Segundo Simone de Beauvoir (1967), a condição feminina é reflexo de uma sociedade na qual as mulheres

Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas [,] (BEAUVOIR, 1967, p. 7).

O sonho feminino de encontrar um “príncipe encantado”, como aborda Medeiros em sua crônica, está dentro da lógica de subserviência dos casamentos tradicionais. No entanto, as mulheres querem ser amadas e não mais tuteladas e sustentadas por seus companheiros. Para a autora, os homens não têm atendido às expectativas das mulheres:

Difícilmente um homem consegue corresponder à expectativa de uma mulher, mas vê-los tentar é comovente. Alguns mandam flores, reservam quarto em hotezinhos

secretos, surpreendem com presentes, passagens aéreas, convites inusitados. São inteligentes, charmosos, ousados, corajosos, batalhadores. Disputam nosso amor como se estivessem numa guerra, e pra quê? Tudo o que recebem em troca é uma mulher que não para de olhar pela janela, suspirando por algo que nem ela sabe direito o que é. Perdoem esse nosso desvio cultural, rapazes. Nenhuma mulher se sente amada o suficiente. (MEDEIROS, 1999, p.11).

A crônica refere-se à insatisfação, de algumas mulheres, no que tange ao não cumprimento por parte dos homens, de uma expectativa fomentada pelo amor romântico. Portanto, a autora trata de forma homogênea as relações entre homens e mulheres. Percebe-se que o casamento perdeu seu status de principal anseio feminino e a mulher passou a aspirar por espaços para além do privado (“olhar pela janela”). Contudo, percebemos na crônica um discurso que homogeneiza as mulheres a partir da visão de que a realização afetiva faz parte dos anseios femininos, da mesma forma que a ascensão profissional.

A autora naturaliza e reforça conceitos relativos à mulher, como vemos no excerto abaixo

Queremos ser resgatadas da torre do castelo. Queremos que o nosso pretendente enfrente dragões, bruxas, lobos selvagens. Queremos que ele sofra, que vare a noite atrás de nós, que faça tudo o que o José Mayer, o Marcelo Novaes e o Rodrigo Santoro fazem nas novelas. Queremos ouvir "eu te amo" só no último capítulo, de preferência num saguão de aeroporto, quando ele chegará a tempo de nos impedir de embarcar. (MEDEIROS, 1999, p.11).

A construção discursiva da autora reforça a imagem da mulher idealizada, apresentando modos de ver a mulher e os seus anseios a partir da lógica patriarcalista segundo a qual todas as mulheres dependem do masculino para serem felizes. Percebemos o sentimento de inadequação relacionado às vivências reais de muitas mulheres que se encontram distantes deste padrão idealizado.

O universo de possibilidades de realização pessoal ampliou-se para as mulheres, devido às mudanças históricas e sociais ocorridas ao longo das últimas décadas. Contudo, como afirma Rago (2012), a maior parte das mulheres desconhece muitas dessas conquistas.

Diante dessa mulher, os homens vêm-se em uma “corda bamba”, pois segundo Beauvoir (1967), o sexo masculino também é vítima da sociedade patriarcal burguesa. Eles são criados a partir de uma lógica que os legitimam enquanto seres superiores e os afastam de uma educação permeada pelo cuidado e pelo carinho. São criados para mostrarem a masculinidade fomentada socialmente. As mulheres são estimuladas a serem educadas, meigas. Os homens são instigados à experiência exterior, à sexualidade sem privações. Mas com as mudanças ocorridas na estrutura social e com a ascensão feminina em espaços diversos, os homens encontram-se em dificuldade no que tange ao processo de conquista e de satisfação dessa nova mulher.

De acordo com Rago (2012), essa dificuldade associa-se à prisão chamada “passado”, pois vivemos um outro momento, em uma outra configuração social na qual as mulheres lutam pelos mesmos direitos dos homens, no entanto, ainda persistem os velhos conceitos em relação ao que cabe a homens e mulheres nas relações sociais:

O passado pressiona para ser visto e revisto, exige novas explicações e nos impõe visitar os arquivos e passar a História a limpo. Como se, num misto de decepção e indignação, precisássemos desfazer os fios da memória e mostrar como e por que foram arbitrariamente trançados. (RAGO, 2012 p.15).

“Difícilmente um homem consegue corresponder à expectativa de uma mulher”, esse trecho da crônica representa uma mudança de postura da mulher, pois anteriormente o casamento cessaria essa busca. Contudo, diante de outras possibilidades de satisfação, as mulheres tornaram-se mais exigentes e seletivas, querem mais e podem verbalizar o seu desejo que por muito tempo foi reprimido e negligenciado. A questão é que as expectativas das mulheres não se limitam ao masculino, ao casamento, à relação homem/ mulher. Não basta para muitas mulheres apenas o amor de um homem, um casamento, uma família

As mulheres de nossos dias estão prestes a destruir o mito do "eterno feminino": a donzela ingênua, a virgem profissional, a mulher que valoriza o preço do coquetismo, a caçadora de maridos, a mãe absorvente, a fragilidade erguida como escudo contra a agressão masculina. Elas começam a afirmar sua independência ante o homem; não sem dificuldades e angústias porque, educadas por mulheres num gineceu socialmente admitido, seu destino normal seria o casamento que as transformaria em objeto da supremacia masculina. (BEAUVOIR, 1967, p. 2).

Constatamos que de fato a crônica reflete sobre comportamentos e interesses das mulheres na atualidade, no entanto, por homogeneizar as mulheres, termina reforçando padrões comportamentais femininos estabelecidos tradicionalmente na sociedade patriarcalista.

4.2 As múltiplas funções femininas

Na crônica “*Sustento feminino*”, Medeiros aborda a problemática contemporânea das múltiplas funções que as mulheres desempenham na sociedade atual para garantirem a independência conquistada a muito custo. No trecho a seguir, verificamos o descontentamento da autora em relação ao posicionamento de algumas mulheres frente a essa questão:

Estive participando de um seminário sobre comportamento, onde foi dito que as mulheres estão de tal forma cansadas de suas múltiplas tarefas e do esforço para manter a independência que começam a ratear: andam sonhando de novo com um provedor, um homem que as sustente financeiramente. (MEDEIROS, 2013, p.24).

Ver o homem apenas como provedor de necessidades empobrece as relações entre os sexos. É fato inquestionável que muitas mulheres acumulam funções e que, atualmente, encontram-se esgotadas, em adoecimento. No entanto, pensar em viver sob a tutela masculina novamente, por causa do excesso de função, é desconsiderar todo um esforço realizado em prol da independência feminina. Ou seja, é retroagir ao avanço, ao desenvolvimento.

Esse conceito de homem como provedor faz parte de um arsenal ideológico que tanto oprime a mulher como também sufoca o homem. Segundo Pedro e Guedes (2010), o lugar feminino foi determinado socialmente a partir da institucionalização da família, pois coube à mulher procriar e ao homem manter essa instituição, objetivando sua eternização através dos filhos. O patriarcado surge, então, como principal garantidor dessa estrutura social e os papéis sociais passam a ser definidos a partir do órgão genital.

Os movimentos feministas quebraram com a lógica patriarcal e subverteram seus princípios. Pensar em viver sob a tutela masculina significa apagar a história do movimento em defesa dos direitos iguais entre homens e mulheres. Medeiros apresenta-se indignada diante de um pensamento como este, pois a independência feminina fomentou um outro formato para as relações pessoais e afetivas entre homens e mulheres. Hoje, os casamentos ocorrem na maioria das vezes, porque as pessoas desejam ser amadas, ao contrário do passado

quando casar tinha a única finalidade de manter ou aumentar o patrimônio familiar. Medeiros apresenta esse ponto de vista na seguinte frase da crônica: “*As mulheres precisam muito dos homens, mas por razões mais profundas*”. Ou seja, a mulher quer um parceiro, um companheiro para dividir a vida, reduzi-lo ao simples papel de pagador de contas, empobrece o conceito, tão defendido na contemporaneidade, de relações saudáveis pautadas na igualdade entre os gêneros.

Para a autora a feminilidade é uma questão que vai além do aparente:

Estamos realmente com sobrecarga de funções – pressão autoimposta, diga-se –, o que faz com que percamos nossa conexão com a feminilidade: para ser mulher não basta usar saia e pintar as unhas, essa é a parte fácil. A questão é ancestral: temos, sim, necessidade de um olhar protetor e amoroso, de um parceiro que nos deseje por nossa delicadeza, nossa sensualidade, nosso mistério. O homem nos confirma como mulher, e nós a eles. (MEDEIROS, 2013, p.24).

Ser gentil, educada e carregar características femininas não são atributos negativos da mulher. Da mesma forma que posicionamentos objetivos em prol da garantia e ampliação de direitos das mulheres também não podem ser considerados com repulsa e rejeição.

Medeiros aborda, nesta crônica, a relação entre homens e mulheres de forma mais ampla, ou seja, a partir da construção de relações de complementaridade entre os gêneros. Portanto, a independência feminina não deve assustar o homem, pelo contrário, ela contribui com a ressignificação dos papéis desempenhados pelos dois na sociedade atual.

Segundo Pedro e Guedes (2010), o conceito de gênero contribuiu com a elucidação das estruturas sociais que oprimem à mulher. A desnaturalização de atitudes e conceitos acerca do que seja ser mulher tem contribuído com a desconstrução de normas e padrões fixados nas mentes e nas estruturas sociais.

A crônica em análise questiona o desejo feminino de retroceder, pois vivemos em outra realidade. O feminismo nos fez avançar e conquistar direitos e espaço e o conceito de gênero nos ofertou as bases para compreender a desigualdade existente entre homens e mulheres. Medeiros encoraja as mulheres a manterem sua liberdade no seguinte trecho da crônica:

Garotas, não desistam da sua independência. Façam o que estiver ao seu alcance, seja através do trabalho ou do estudo, em busca de realização e amor-próprio. Escolher parceiros pelo saldo bancário é triste e antigo, os tempos são outros. É plausível que se procure alguém com o mesmo nível intelectual e social, com um projeto de vida parecido e com potencial de crescimento – mas para crescerem juntos, não para garantir um tutor. (MEDEIROS, 2013, p. 24)

Contudo, ainda persiste em nossa sociedade estruturas de poder muito solidificadas que tendem a forçar uma manutenção dos papéis desempenhados entre homens e mulheres. Zinani (2013, p.55)

A constituição do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que a mudança da mulher acarreta modificações nos papéis sociais que deixam de ser fixos e definidos, tornando-se abertos e indeterminados” (ZANINI, 2013, p.55).

Medeiros aborda a mulher cheia de possibilidades, capaz de ditar os rumos da sua vida, no entanto, valoriza a feminilidade da mulher, ou seja, as características que fazem parte da constituição feminina. Ser feminina, delicada e gentil pode ser uma escolha da mulher, contudo, não se pode negar que no contexto histórico e social contemporâneo, a mulher exerce sua pluralidade de identidades como mãe, esposa, profissional e sujeito político atuante.

4.3. A mulher independente

Em “A mulher independente”, Medeiros discorre sobre uma afirmação feita a seu respeito por uma leitora, em uma noite de autógrafos:

Te acho uma mulher fenomenal! Eu toda sorrisos, tomei o livro que ela tinha em mãos e me preparei para escrever uma dedicatória bem carinhosa. Ela então complementou: “Mas eu não queria ser casada contigo – tu és muito independente! (MEDEIROS, 2011, p. 29).

A independência feminina parece assustar tanto aos homens, acostumados com mulheres submissas, quanto as mulheres. A liberdade é um direito humano e não deveria causar tantos questionamentos. A narradora da crônica se vê como uma mulher independente assim como a maioria das mulheres que ela conhece, ou seja, do seu meio social e parece não entender que ainda hoje existem mulheres cuja autonomia nos espaços sociais mostra-se restrita em decorrência do machismo e do preconceito:

Em que eu seria mais independente do que qualquer outra mulher? Quase todas as que conheço trabalham, ganham seu próprio sustento, defendem suas opiniões e votam em seus próprios candidatos. Algumas não gostam de ir ao cinema sozinhas, já eu não me importo. Poucas moraram sozinhas antes de casar, eu morei. Quase nenhuma, que eu lembre, viajou sozinha, eu já. E nisso consta toda minha independência, o que não me parece suficiente para assustar ninguém. (MEDEIROS, 2011, p.29).

O movimento feminista gestou a mulher contemporânea, livre, forte e capaz de decidir sobre todos os aspectos da vida de um ser humano. Mas para que isso se concretize são necessárias políticas públicas comprometidas com a garantia de direitos, o respeito e a liberdade para que as mulheres consigam melhores condições de trabalho e de vida.

A igualdade de gênero contribui com a construção de relações mais verdadeiras, pois ambos, homens e mulheres, são livres. Como diz Medeiros nessa crônica “*independência não é sinônimo de solidão*”, muitas mulheres buscam relações saudáveis, pautadas no sentimento e não mais no suporte financeiro.

Segundo Medeiros “a independência feminina é estimulante, alegre, desafiadora, vital, enfim, uma qualidade que promove movimentação e avanço à sociedade como um todo e aos familiares e amigos em particular”, ou seja, a mulher independente oferece à sociedade suas capacidades e qualidades e busca tornar-se um indivíduo completo a partir da realização profissional.

A crônica revela também que a liberdade feminina ainda assusta em certos contextos, inclusive algumas mulheres, por isso se torna urgente entre nós desconstruir conceitos que naturalizam críticas à liberdade e independência feminina. Beauvoir (2009), ao abordar sobre a condição de submissão da mulher, questiona a relação polarizada entre os dois sexos “duas eletricidades, dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos 'os homens' para designar os seres humanos (...). A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade.” (p. 9). Esta concepção levou a mulher a ser definida em função do masculino, a mulher não seria, então, um ser autônomo.

As crônicas aqui analisadas evidenciam as amarras sociais que tendem a manter as mulheres presas a padrões sociais já superados. Desconsiderar o desejo feminino em prol de um encaixe a esses padrões, é retroceder a um passado no qual as mulheres foram tratadas,

por muito tempo, como seres inferiores e incapazes de decidir seu próprio destino. A liberdade conquistada pela mulher não pode ser vista como uma ameaça, pois ela contribuiu com fomentação de novas relações entre homens e mulheres, ou seja, no respeito ao outro, na igualdade entre os gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e análise das crônicas de Martha Medeiros mostram a relevância do estudo de textos de autoria feminina, no sentido de refletir criticamente sobre construções discursivas que, ao tratarem de temas do cotidiano feminino de forma clara e objetiva, (re)velam concepções e estruturas sociais que tendem a reforçar (pré) conceitos sobre o que é ser mulher.

Ao analisarmos a crônica “O que quer uma mulher”, verificamos que o querer feminino está associado a padrões construídos socialmente os quais definem como cada mulher deve direcionar suas escolhas. Esse direcionamento ocorre devido a estruturas de poder muito enraizadas na sociedade e que tendem, apesar dos avanços conquistados pelos movimentos feministas, manter as mulheres dentro de papéis pré-fixados.

Na crônica “Sustento feminino”, Medeiros aborda as múltiplas funções desempenhadas pelas mulheres na atualidade. Bancar a própria independência tem gerado, em algumas mulheres, um pensamento divergente, pois algumas, diante das dificuldades encontradas, voltam a ver os homens, unicamente, como provedores de suas necessidades. Tal posicionamento evidenciou que algumas mulheres estão dispostas a abrir mão da independência conquistada para serem sustentadas. Medeiros questiona esse pensamento e posiciona-se a favor da independência feminina. Abrir mão da liberdade é desconsiderar todo o esforço feito para superar a desigualdade vivenciada pelas mulheres durante séculos.

A crônica “A mulher independente” mostrou que a liberdade da mulher tem gerado discursos negativos. O preconceito estrutural em relação à mulher alimenta (pré)conceitos e tende por reforçar atitudes como a apresentada por Medeiros nessa crônica. Independe da classe social ou do lugar que a mulher ocupe, esta ainda precisa se posicionar ferozmente em prol da sua liberdade. Pois só teremos avanços significativos nas relações entre homens e mulheres, quando superamos conceitos nos quais as mulheres são vistas como seres inferiores e dependentes do sexo oposto.

As mulheres presentes nas três crônicas frequentam congressos e noite de autógrafos, entretanto suas questões estão circunscritas ao lar e ao mundo privado: casamento, sonhos com contos de fadas, príncipe encantado, estabilidade financeira adquirida com o casamento. Ou seja, a autora apresenta anseios femininos de determinado recorte de mulheres e que, certamente, não dá conta das mais diversas necessidades da mulher na atualidade.

Outro aspecto observado diz respeito à abordagem das mulheres de modo homogêneo, ou seja, sem levar em consideração as singularidades de cada contexto e os processos em que se desenvolvem. Ao falar da mulher, a cronista apresenta uma perspectiva essencialista como se todas as mulheres pensassem, agissem e desejassem da mesma forma. Essa uniformização dos desejos, sonhos e necessidades femininas contribuem com a naturalização de estigmas relativos ao ser mulher. Portanto, faz-se necessário a problematização desses textos em sala de aula objetivando a desconstrução de padrões sociais que reforçam preconceitos construídos e naturalizados socialmente contra à mulher.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: experiência vivida**. 2 ed Tradução: Sérgio Millet. Difusão Europeia do livro, 1967. E-book
- BECKER, Caroline Valada. A crônica e suas Molduras, um estudo genológico. Revista. Estação Literária. Londrina , v.11, p. 10-26, Jul2013 .Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/27976/20213>. Acesso em 07/11/2019.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. São Paulo: V. 5. Ática, 2003 p. 89 -99.
- DUARTE, Constância Lima Duarte. **Feminismo e Literatura no Brasil**, Estudos Avançados, .v. 17, n. 49, p.151- 172. 2003 Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf>> Acesso em 10/11/2019.
- FREITAS, Alana de O. **Coutinho e Candido: elogio à crônica**, 3º Colóquio do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho: A crítica literária no Brasil, 3., 2012, Feira de Santana. Anais. Feira de Santana: Uefs, 2012, p. 55-60. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/romantismoliteratura/coloquiogrupodeestudos2011/anais/3coloq.anais.55-60.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2019.
- LOPES, Paula Cristina. A crônica (nos jornais): O que foi? O que é?. Publicado na Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 2010. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lobes.pdf>>. Acesso em 07/11/2019.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 179 p.
- MEDEIROS, Martha. O que quer uma mulher. **Trem – Bala**. Porto Alegre: L&PM. 1997. p.11.
- _____. Sustento feminino. **A graça da coisa**. 1. ed. Porto Alegre: L&PM:2013. p.25-25.
- _____. A mulher independente. **Feliz por nada**. 60. ed. Porto Alegre: L&PM.2017. p. 29-30.
- MOISÉS, Massaud. Crônica. **A criação literária**. Ed. rev. e atua: São Paulo: Cultrix, 2012.p. 623-639.
- PEDRO, Claudia Bragança, GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**. UEL. 24/25 de junho 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf>>. Acesso em 10/11/2019.
- RAGO, Margareth. Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Adeus ao Feminismo?** Cadernos AEL, n.3/4, p.1-3. 1995/1996. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/download/2611/2021>>. Acesso em 10/11/2019.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priore (org). 9 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 101- 111.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. Publicado na Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 2009. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>>. Acesso em 07/11/2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. A formação social do sujeito. **Literatura e Gênero: a construção da identidade feminina**. 2 ed. Caxias do Sul: EDUCS .2013.